

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Esterilizador pode ampliar assepsia em UTIs

Produto, com tecnologia 100% brasileira, também pode ser usado em casa por pessoas alérgicas

SIMONE BIEHLER MATEOS

A empresa Kiir lançou no mercado na semana passada um esterilizador de ar capaz de eliminar praticamente todos os microrganismos contaminantes (bactérias, fungos, ácaros e vírus), além de boa parte das proteínas alergênicas. Fabricado com tecnologia 100% nacional e já aprovado pelo Instituto Adolfo Lutz, o novo equipamento poderá revolucionar as condições de assepsia em centros cirúrgicos e Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), onde os níveis de contaminação do ar podem ser maiores do que na rua.

Foi o que revelou, no ano passado, um estudo feito pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e a Sociedade Científica Brasindoor, que analisou amostras de ar de UTIs de 14 casas de saúde públicas e privadas da capital. Todas as instituições usavam unicamente o ar-condicionado para tratar o ar das UTIs, mas apenas quatro realizavam a limpeza adequada dos filtros desses equipamentos. Dessa forma, na maioria dos hospitais, os pesquisadores encontraram, em média, 262 unidades formadoras de colônias (UFCs) de bactérias por metro cúbico de ar, quando o nível máximo recomendado pela OMS para esses ambientes é de 100. Até no meio da rua o nível de contaminação era menor: 214 UFCs por metro cúbico.

Situação precária – Em boa parte dos centros cirúrgicos do País a situação não deve ser muito melhor, já que, na maioria dos hospitais, o ar passa apenas pelos equipamentos convencionais de ar condicionado.



Maurilo Claretto/AE

O empresário Amicar Cruzeiro investiu R\$ 120 mil na linha de produção do novo esterilizador

Apenas os grandes e melhores hospitais tratam o ar dessas áreas com "filtros absolutos", capazes de eliminar a maioria dos microrganismos.

As vantagens da tecnologia nacional ante os filtros absolutos são muitas. Desenvolvido pelo físico Gilberto Janólio, do Centro Incubador de Empresas Tecnológicas (Cietec) da USP, o esterilizador de ar nacional é mais barato, não tem custos de instalação, consome bem menos energia e, principalmente, dispensa manutenção. Os filtros absolutos custam cerca de R\$ 4 mil, exigem instalação de valor similar e devem ter seus filtros, que custam quase R\$ 500, trocados a cada seis meses. O esterilizador brasileiro, batizado de SuperAr, custa R\$ 988 e, em geral,

dois deles bastam para fazer, num centro cirúrgico, o mesmo serviço que um superfiltro.

Viabilidade – A redução de custos levou os pesquisadores a apostarem na disseminação do equipamento. "Os custos do SuperAr tornam viável pensar na esterilização do ar não só em centros cirúrgicos como em todas as UTIs e até na casa de pessoas que sofrem de alergias respiratórias", diz Janólio, lembrando que o aparelho poderia ser útil

também em empresas, que com frequência sofrem com os problemas de contaminação do ar, decorrentes da manutenção inadequada do ar-condicionado.

O mercado é promissor e argumentos não faltam para convencer os empresários da utili-

dade de melhorar a qualidade do ar no ambiente de trabalho. Estudos americanos mostram que os gastos anuais por perda de produtividade no trabalho causada por asma chegam a US\$ 2 bilhões, além de outros US\$ 600 milhões por rinite. No Brasil, estima-se que entre 25% e 35% da população sofre de rinite nasal e brônquica, enquanto cerca de 10% tem asma.

Foi nesse mercado que decidiu apostar o empresário Amicar Cruzeiro. Vizinho de Janólio, o industrial entusiasmou-se pelo projeto quando percebeu que sua experiência com o alumínio, material com que fabrica peças há anos, lhe permitiria entrar no ramo das inovações tecnológicas. Levou um ano visitando hospitais e investiu R\$ 120 mil para iniciar a linha de produção, mas está confiante: "Podemos oferecer um serviço essencial por um custo muito inferior aos equipamentos disponíveis para o mesmo fim."

**NÃO
EXISTEM
CUSTOS DE
INSTALAÇÃO**